

# O Gaiato

22 DE JULHO DE 1972

ANO XXIX — N.º 740 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



## Escândalo das rendas

HOJE

«Na sessão da Câmara Municipal do Porto, o vereador eng.º A. S. referiu-se ao verdadeiro escândalo das rendas, que se praticam, em regime de sublocação, no Barredo. A propósito informou que, actualmente, o preço de um quarto é de 110\$00 por semana, enquanto que em Agosto do ano passado era de 56\$, também semanais.

Acentuou, ainda, que se a renda não for paga no vencimento há sublocatários que cobram no dia seguinte, para além da renda,

multas de 12\$50 por dia.»

(in «D. L.»)

ONTEM

«... Estávamos agora no largo da Ribeira. Já ali não há cão nem gato que nos não conheça. Armando puxa dos apontamentos que tomara dentro daquele casebre, sobre a renda de cada habitante. Somámos; deu 420\$. Quer dizer, hoje, vive algures um homem ou uma mulher que recebe aquela soma por deixar viver ali, cada um em seu quarto e nas condições expostas, ho-

mens, mulheres e crianças! Eis a nossa condenação...

E AMANHÃ?!...

...Isto faz doer a alma. Eu acho que não é preciso deixar os da nossa carne em semelhantes tormentos. O Porto já começou. O bairro da Corujeira é documento. Ele foi riscado e construído por nós; não veio nada de fora, ao menos que eu saiba. Foi com o nosso dinheiro. Com a nossa técnica. Ora sendo assim porque não se faz de toda a escarpa do Barredo uma

Cont. na 4.ª página

Difícilimo encontrar um homem completo! Ou lhe abundam as qualidades morais, mas é deficiente de intelectuais; ou lhe bastam estas e faltam aquelas; ou tem bons dotes profissionais, mas carece da personalidade necessária a um lugar responsável; ou é hábil

e honesto no cumprimento do seu dever, mas incapaz de organizar e dirigir, ou mesmo, de colaborar. Todo o homem, por maior que seja, tem de reconhecer e de aceitar sua limitação. Ai do que perde de vista, em si mesmo e nos outros, esta universal característica do homem!

Isto faz com que todo o trabalho de alguma envergadura e de alcance indiscutível haja de ser obra de uma equipa, em que importam menos as «estrelas» do que o são funcionamento da mesma equipa. Nela, cada um deve ocupar o lugar de que é capaz, na consciência da dignidade própria da sua posição e no respeito e consideração pela dos outros.

Nunca qualquer trabalho sujou as mãos de ninguém para além do que a água e sabão têm poder de limpar. É razoável que cada um tome consciência dos seus dons e os faça render ao nível que lhes é próprio. Mas quando, porventura, tenha de descer um degrau abaixo (Descer é, aqui, um verbo convencional!) nem por isso o homem se rebaixa, antes se dignifica, aceitando uma tarefa aquém das suas possibilidades, mas, ainda assim, convergente para o bem-comum.

Já o mesmo não sucede quando, pretensiosamente, o homem procura subir (Também aqui, o verbo é convencional!) para um nível que excede a sua capacidade. A sua tarefa redundará em fracasso: para ele, o ridículo da sua vaidade, ou inconsciência do próprio valor; para a comunidade a que pertence, o prejuízo de um esforço de antemão condenado à ineficácia.

Todo o homem tem, pois, a obrigação de procurar conhecer-se, de medir-se... e de se dar na linha dos seus talentos, na medida do seu valor. Menos, é ficar aquém do que é, do que pode, do que deve — é não se realizar, para me servir de um verbo agora muito usado. Mais, é erro de agulha; é meter-se por um ramal de manobra, que conduz a nenhures.

Nós temos exemplos de tudo isto no seio da nossa Família. Rapazes que passaram anos a petiscar rumos e chegaram à hora de se lançar na vida sem terem descoberto ainda por onde ir. Outros que se procuraram, se conheceram, se decidiram — singram ao nível que lhes é natural. E vê-los felizes e a partilhar felicidade, numa abertura, numa alegria antes desconhecida.

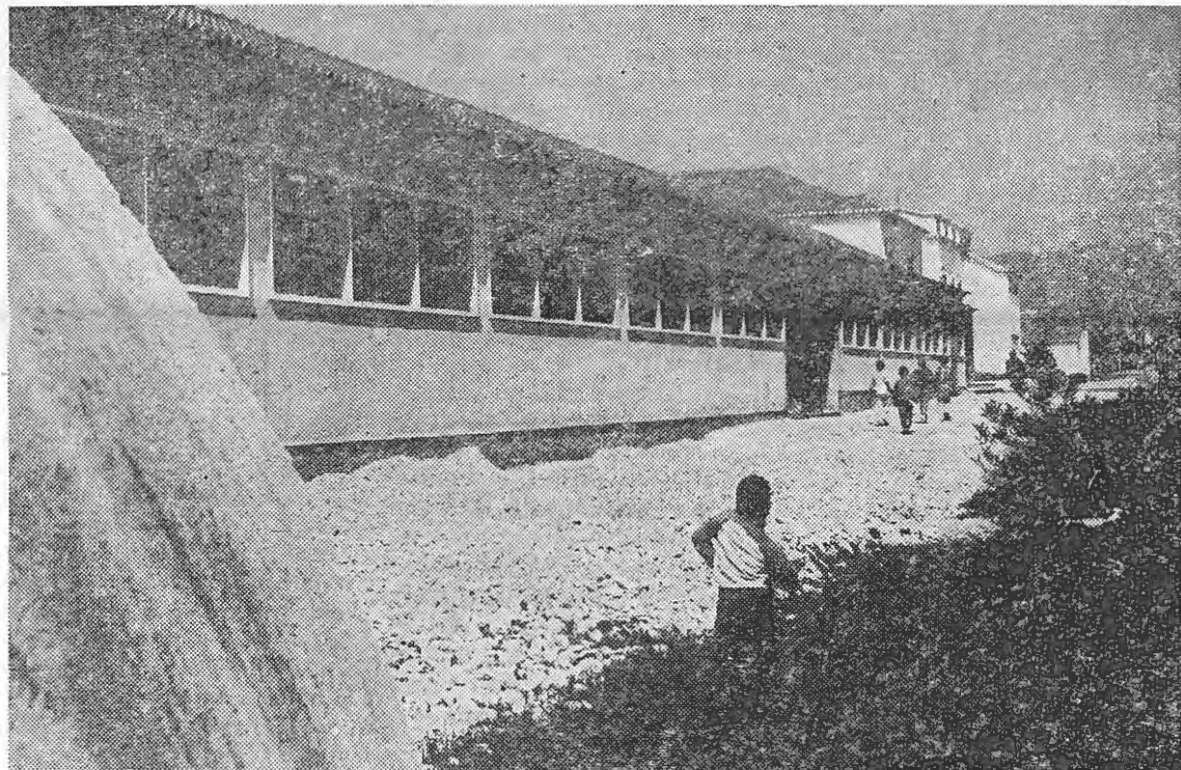
Que nenhum sonhe em achar o absoluto, o perfeito, nos caminhos deste mundo. Absoluto, Perfeito é, somente, Aquele de Quem vimos e para Quem vamos, o nosso Pai que está nos Céus. «Sede perfeitos, como Ele é perfeito» é palavra de ordem recebida do Seu Cristo. Mas

a nossa perfeição será uma tendência incessante para mais, para melhor, uma aproximação irreversível do Perfeito, do Absoluto, sem jamais cortarmos a meta senão no justo momento de passarmos deste

Continua na QUARTA página

Esta é a futura Tipografia do Tojal. Eles correm para a merenda bem merecida, pois construíram a obra com suor — e sangue...

# Aqui, LISBOA



Para lá dos progressos sociais realizados, bem patentes a nossos olhos, há ainda muita gente que vive em condições infra-humanas, sobretudo nas regiões interiores do País. Recente viagem mais compreensão nos trouxe sobre o lógico e natural fenómeno migratório ao encontro das grandes cidades ou de terras estranhas. Sem estradas, água potável, luz e telefone ainda se encontram muitas povoações disseminadas por esse Portugal fora. A assistência médica e medicamentosa é, não raro, quase inexistente. As bruxas e os curandeiros são, como já aqui temos referido, o recurso normal para certos sectores da população. Uma agricultura primitiva, de auto-consumo, aliás deficiente, penosa e esgotante é o comum nos pequenos recônditos montes alentejanos ou nos longínquos lugares beirões e transmontanos. A habitação é pobre e, não raro partilhada pelos animais. Naigumas casas as normas sociais vigentes ou são desconhecidas, ou são colicadas à margem. Sucede assim, por exemplo, com o casamento, que não é religioso nem civil, embora se constate uma certa fidelidade entre os «esposos». A ausência dos proverbiais agentes de civilização de antanho, como o mestre-escola, o médico e o padre, entre outros, próprios dos centros mais favorecidos, nunca permitiu qualquer progresso sensível. O analfabetismo, sobretudo entre as mulheres e nos grupos etários mais idosos, é corrente. A presença da Igreja, para mal dos nossos pecados, é quase nula ou mesmo inexistente.

Porque trazemos estes sucintos apontamentos para as

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

# PELAS CASAS DO GAIATO

## MIRANDA DO CORVO

**OBRAS** — As nossas obras cá vão continuando. A fonte, construída por Pai Américo, foi agora restaurada. E ficou para representar uma das coisas que Pai Américo mandou fazer.

Junto à fonte havia os tanques de lavar roupa, mas como a lavanderia passou para casa própria, também mudámos para lá os tanques. Onde eram os tanques fizemos um pequeno lago. Também junto à fonte estamos a fazer um parque com bancos, floreiras, flores, etc. No meio está uma grande palmeira.

As ruas visinhas estão a ser pavimentadas com cimento e mármore no meio. Esta parte que envolve a fonte é toda modificada.

Seguimos depois para as oficinas. Pensámos agora construir umas oficinas novas atrás do campo de futebol. Já era para estarem começadas, mas ainda não estão devido à reforma da fonte estar por acabar.

**AGRICULTURA** — Acabámos agora de schar as nossas covas. O Elísio lavrou o Olival da Mina e o Olival Novo para lá semearmos milho.

As nossas macieiras estão com mildio. Veio cá uma regente agrícola e receitou-lhes um produto que o Martins lbes pôs. Vamos a ver se melhoram.

As nossas videiras estão carregadas de cachos. Foram tratadas com enxofre e calda.

**ESCOLA** — O ano escolar ainda não terminou, mas o «Migas» e o «Escaravelho» já fizeram exame, como adultos, na Lousã. A prova foi de manhã e de tarde passaram. Está-se aproximando o tempo dos outros fazerem o seu exame.

**FUTEBOL** — Continuamos à espera que apareçam adversários para nos defrontar. Não pensem que a nossa equipa é só formada de grandes, mas também de médios. Os juvenis do Mirandense têm-se esforçado para nos derrotar, mas nós, pelas cinco ou mais vezes que cá vieram, ficámos sempre vitoriosos!

Zé Domingos

## O Casamento do «Zé Bolas»

Dia 25 de Junho. O sol não quis alhear-se do enlace do nosso «Zé Bolas» mais da sua Isabel e presenteou-nos com o seu manto dourado. Uma leve briza suavizava o ambiente natural que o descuidado astro-rei, com a nossa preocupação em «ver quem era o primeiro a avistar os noivos», ia tornando sufocante. Eu,

alheio a essa luta festiva, deixava-me ir na tentação de recordar a vida amarga que o noivo conhecera nos últimos meses. Deitado num leito do Hospital Militar, em posição bastante incómoda, confiara na capacidade médica, manifestada nas várias operações melindrosas, o não deixasse inutilizado. E não está! Ali conheceu a noiva e veio, agora, lançar a pedra base na construção do seu Lar, sob o manto acolhedor da Obra que foi tantos anos o seu «cantinho», a sua família!

Um grito vitorioso dum pequenino, anunciando os noivos, arrancou-me à triste meditação. A euforia aumentou! Os parentes (?) dum e doutro trocaram felicitações. Porém, o tempo não parava e, resolvidos pequenos erros que a excitação trouxera, fomos andando para a singela igreja paroquial!

Começou a Missa. Todos os olhos caíam nos dois seres que seriam dali em diante, um só. À homilia, Padre Abraão lembrou aos noivos a responsabilidade do acto que estavam a realizar assim como a solidariedade com que deveriam encarar os bons e maus momentos. O *Sim* de cada um foi pronunciado no meio do maior silêncio e atenção dos presentes. A celebração prosseguiu com a maior devoção.

No final da Missa a euforia continuou com beijos e abraços. Cada um manifestou os seus votos de felicidades, enquanto o fotógrafo não poupava esforços para eternizar este dia grande na vida dos recém-casados!

Rodeados de franca alegria, dirigimo-nos para o refeitório onde nos esperava um almoço festivo que acalmaria as refilices dos estômagos. A refeição decorreu com hilaridade e vivas infundidos.

Após um almoço de grande envergadura, fomos ao nosso barzito tomar um café e fumar um cigarro, que foi uma ajuda na complicada digestão.

Os noivos mai-los convidados, depois de visitarem a nossa Aldeia, foram sorridentes encarar o quotidiano!

Fica aqui expresso o nosso sincero desejo que o «Zé Bolas» — ele me perdoe não o tratar pelo nome de baptismo, António Manuel, mas a alcunha é-me muito familiar — mais a Isabel sejam um exemplo para aqueles que unidos com alegria ídntica, sabem ser solidários e fazem da Casa do Gaiato uma realidade!

Muita coragem e felicidades, amigo Zé, que a vossa «lua de mel» seja eterna!

Manuel António

## TOJAL

**OBRAS** — As novas oficinas têm excelentes instalações. É um encanto vê-las. Fruto do nosso trabalho e da vossa ajuda. Não estão ainda concluídas. Faltam as máquinas. Também hão-de vir; tudo a seu tempo.

Entretanto, as camaratas já estão a ser edificadas. Mais uma casa para a continuação da nova Aldeia.

**DIA DE FESTA** — Alegria e animação, foi o que aconteceu no dia

25/7/72. A origem de tudo isto, foi mais um dos nossos que constituiu a sua família. Casou-se o António Manuel com a Maria Isabel. A cerimónia teve lugar na igreja paroquial, às 12,30 horas. O Sr. P.e Abraão, como ministro da Igreja, confirmou o Matrimónio, seguindo-se a Missa. No fim houve «Boda». Farta e cheia de iguarias. A animação foi maior; não havia barriga para mais, e todos gritavam à uma «Zé Bolas», alcunha do António Manuel durante a sua permanência na Casa de Paços de Sousa. Para o novo casal os votos de maiores felicidades da malta do Tojal.

**CAMPO** — Depois das nêspers e cerejas, as ameixas, que já apresentam a sua cor própria. Logo atrás vêm as pêras, ainda um pouco verdes. Enfim, fruta que vai preenchendo todos os espaços e acompanhando todas as refeições.

O feno e a batata estão por apanhar. É necessário, portanto, a mão de todos nós para acudir ao trabalho. Fazer-se-ão, como já é costume, horas extraordinárias; e tudo se resolverá.

**FÉRIAS** — Reina grande agitação entre nós. Por toda a parte se houve perguntar quando começam as férias. É de calcular esta agitação, pois que para alguns já acabaram as escolas, o que para outros ainda não conteceu. Os 15 dias de praia fazem muito bem aos nossos Rapazes.

A propósito de praias: Se por acaso houver em vossas casas um faio de banho, do qual vossos filhos já não façam uso, não o deitem fora; aqui há gente para todas as medidas. Os fatos de banho que nos enviarem, irão contribuir para umas férias mais alegres dos nossos Rapazes.

**JARDINAGEM** — Os nossos jardins são um encanto: alegres, coloridos e frondosos! Podemos agradecer ao Sr. António toda esta beleza. Foi ele quem tomou conta dos jardins. Aliás, como é sua especialidade, soube tratá-los muitíssimo bem.

**TROPAS** — Estão por terras do Ultramar, o Vitor, António Jorge e o Xico Zé. Partiu há pouco tempo o Belmiro. Está prestes a partir o Mário. É um constante vai-ven. Até à data têm regressado todos mais ou menos saudáveis. Que assim seja sempre. Nós não os esquecemos nas nossas orações.

**FUTEBOL** — Não sei se será por terem acabado os campeonatos nacionais das 1.ª, 2.ª, 3.ª divisões e os jogadores estarem muito cansados, a Taça Independência não ocupa alguns bons elementos do futebol português.

Entretanto, acontece o nosso onze estar em férias, desocupado... Haja para aí um grupo que interrompa as suas férias e venha, também, interromper as nossas. Cá os esperamos.

**SELOS** — Como já há muito tempo não escrevo para o «Famoso», não têm sido dadas quaisquer informações aos leitores sobre a Campanha do Selo.

Esta está muito pobre! E agora estão a aparecer uns selos comemorativos tão giros! Isto não quer dizer

que os selos-cavalinhos não sejam também desejados...

Com a boa cooperação de todos, a nossa Campanha ressuscitará.

Jorge

## Os Gaiatos do Centro em Peregrinação

Como as nossas Festas correram e acabaram bem e a Empresa de Camionagem José Maria dos Santos nos ofereceu uma camioneta de 55 lugares, fomos dar um lindo e grande passeio, no dia do Corpo de Deus. Partimos de Miranda do Corvo às 8 horas, encontrámo-nos em Condeixa com os nossos Rapazes do Lar de Coimbra e seguimos rumo a Leiria, onde avistámos ao longe o seu lindo Castelo e continuámos para Fátima, pois íamos em sentido de peregrinação. Na viagem rezámos o Terço em louvor de Nossa Senhora e entoámos muitos cânticos.

Chegámos a Fátima e fomos em direcção a Aljustrel visitar e conhecer as casas dos pastorinhos. Depois fomos para o Calvário Húngaro, onde celebrámos a nossa Missa, tendo todos recebido o Senhor nas nossas almas. Seguimos pelos Valinhos, para a Loca do Cabeço onde o Anjo de Portugal deu a comunhão aos Pastorinhos e ali rezámos a oração que o Anjo ensinou. Depois estivemos junto do poço da casa da Lúcia, onde os Pastorinhos se refugiavam para rezar, fazer sacrifícios e se esconderem das pessoas que lhes faziam perguntas. Julgo que todos bebemos água do poço e alguns ainda trouxeram uns garrafinhos pequenitos que compraram com o dinheiro que o senhor Padre Horácio dera a todos para uma lembrança.

Voltámos a Fátima visitar o Santuário. Vimos a estátua do Papa Paulo VI ajoelhado, como quando ali esteve em Maio de 1967. Vimos a seguir a Capela das Aparições. Foi aqui que em 13 de Maio de 1917, pelo meio dia, apareceu Nossa Senhora pela primeira vez aos três Pastorinhos. Depois fomos ver a Basílica, onde estão os túmulos de Francisco e Jacinta, pois Lúcia ainda está viva e é nossa vizinha em Coimbra. Depois de rezarmos e admirarmos tudo, o Santuário é muito grande e estava lá muita gente, partimos para a Batalha, onde todos almoçámos muito bem.

Após o almoço visitámos o Mosteiro da Batalha. Este é um dos mais belos monumentos portugueses, construído para comemorar a vitória de Aljubarrota, perto do local onde se travou a batalha.

Na construção deste mosteiro, trabalharam 2.000 operários e os melhores canteiros da época sob a direcção do Mestre Afonso Domingues. Mas Afonso Domingues ficou cego e não pôde continuar a dirigir as obras. Por isso, estas foram entre-

gues a um mestre estrangeiro. Este, pensando que a construção da formosíssima abóbada da Sala do Capítulo desenhada por Afonso Domingues, não se podia realizar, fez um novo desenho que mandou executar.

Porém, ao completar-se a Sala do Capítulo, quando retiraram as madeiras de suporte, auxiliares de construção, a abóbada caiu. Então, o rei D. João I ordenou que o Mestre, embora cego, continuasse a orientar os trabalhos. Quando a abóbada ficou pronta e para provar que não cairia, Afonso Domingues quis permanecer sob ela três dias, sem comer nem beber!

A abóbada não caiu. Mestre Afonso é que não resistiu ao prolongado jejum e ao fim dos três dias encontraram-no morto.

Encontram-se lá também os túmulos de D. João I e da sua esposa D. Filipa de Lencastre, bem como os seus filhos.

Na Sala do Capítulo estão sepultados, em cunpa rasa, dois Soldados Desconhecidos, mortos durante a I Grande Guerra, Mundial.

Admirámos muito as estátuas dos apóstolos, na entrada; e os rendilhados dos claustros, o Museu, onde se venera o Soldado Desconhecido, cuja cunpa está guardada por dois soldados. Depois contemplámos a estátua de D. Nuno Álvares, montado a cavalo. A seguir fomos rumo a S. Jorge mandada construir por D. Nuno no lugar onde se deu a batalha.

Parámos em Alcobaca. Visitámos a grande cozinha e refeitório dos frades. Todo este edifício resultou de uma completa construção levada a cabo no século XII, mas as obras só terminaram no século XVIII. Aqui exerceu a sua missão a Ordem de Cister que teve lagra acção religiosa, económica, de beneficência e instrução pública, assemelhando-se ao papel desempenhado pelo Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Partimos para a Nazaré. Visitámos a capela mandada construir por D. Fuas Roupinho, capela dedicada a Nossa Senhora. Diz a lenda que Nossa Senhora lhe salvou a vida uma vez que ele ia a perseguir um veado e já estava no penedo a cair para o mar. Vimos a Igreja de N. Senhora da Nazaré, o dinheiro e o ouro das promessas e admirámos a linda praia e o cheirinho a sardinha assada.

Partimos para S. Pedro de Muel, que também é muito bonita. Como não tínhamos muito tempo, seguimos para a Figueira da Foz, a rainha das praias portuguesas e fomos merendar à Serra da Boa Viagem. Descemos pelo Cabo Mondego para Buarcos, onde este ano fomos fazer a Festa. Vimos as fábricas de cimento e cal. Chegamos à praia fomos molhar os pés, para ficarmos ainda mais contentes. Tínhamos levado os calções mas não tivemos possibilidade de tomar banho. O tempo era pouco.

Partimos para Montemor-o-Velho. Já era noite e não pudemos ver o célebre castelo da «lenda das duas arcas» e seguimos rumo a Casa, louvando o Senhor por nos dar esta oportunidade de conhecer o Centro do nosso Portugal.

Carlos e Domingos

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



Gaiato

«Já há muito que se sabia; porém, hoje, com o andar do segundo volume do «Isto é a Casa do Gaiato», compreende-se melhor que o homem não é só matéria, que não acaba no cemitério e que tem naturalmente horror ao Nada. De forma que não façamos aqui um reclame do livro, nem isso me ficaria bem; cantemos, sim, um hino ao homem espiritual.

Com este homem pacífico e sequioso do Belo, quanto se não poderia fazer no mundo! Se ele, este homem espiritual, se deixa assim prender às coisas pequeninas de que o livro é feito, como não estaria pronto para as grandes, quando Divinas?! E porque não havemos nós todos de falar verdade uns aos outros como nos falamos a nós as coisas da Natureza?»

PAI AMÉRICO

Este foi, é e será o Rumo. Outro, seria profanar. Daí, o correio de todos os dias ser Fogo que arde. E queima. Todos!

Há tempos, na correspondência dos nossos leitores, houve um que nos deu muito na vista. Escrevera uma série de cartas e postais. Motivo? Sequioso, impaciente — por não ter a obra nas mãos! O seu nome é das últimas letras do alfabeto...

Outros casos provocam luz da Luz. Gente retirada do primitivo ficheiro — por mudanças de direcção, etc. Apareceram deles, queixando-se: «Ainda não recebi o livro! Esqueceram-se de mim?!...». Este mudara de poiso. Resolvemos, então,

## CONTINUA EM FOCO

# A reedição do 2.º volume do «Isto é a Casa do Gaiato»

cortar o mal pela raiz. Conferir o ficheiro «morto» pelo do Jornal. E topámos dezenas e dezenas de vivos! Já foram contemplados com o 2.º volume do «Isto é a Casa do Gaiato». Gozam as suas delícias. E são explosões de Sobrenatural!

### ● CORREIO DOS LEITORES

Vamos continuar a revelar, como sempre, discretamente, sucintamente, o bafo das almas. Gente de todos os quadrantes. E condições sociais. Os nomes não contam. São nomes. As almas é que sim, porque divinas — e eternas.

A palavra vai para Santarém:

«Acerca de um ano que leio o vosso e nosso tão querido jornal «O Gaiato». Adquiro-o sempre à saída da Missa. E bendigo a hora em que o fiz pela primeira vez. Após a sua leitura sou como que obrigada a fazer um exame de consciência sobre o que tem sido a minha existência e imediatamente agradeço a Deus o bem que me tem concedido, sem que o mereça...

Mandem-me, por favor, o 1.º e o 2.º volumes do «Isto é a Casa do Gaiato» a fim de

que possa atenuar este sofrimento, possa encarar a vida com mais resignação e mais fé no Senhor...».

Agora, Fafe:

«Podem crer, que gostando imenso de ler, são os incomparáveis livros de Pai Américo aqueles que prendem mais as minhas horas vagas e mais profundamente me encham e enternecem...

É muito pouco a quantia que junto, para pedir-vos o favor de me enviarem, logo que possam, as obras de Pai Américo que ainda não posuo... pois ser-me-ia grato ter os livros todos...».

### ● RECORTES

Vamos fazer uma pausa. E dar a palavra a certa Imprensa, em cujas colunas o «Isto é a Casa do Gaiato» não passou em silêncio.

Aí tendes a voz do «Correio de Coimbra», que serviu de púlpito a Pai Américo — no alvorecer da Obra da Rua:

«O segundo volume, em segunda edição, de «Isto é a Casa do Gaiato». Vale a pena colocar este livro na mesinha de cabeceira. Não tem preocupações sistemáticas, nem vai-

Deus quiser. Que venham sãos e salvos — eis os nossos votos.

Luís Nunes Marques

## BENGUELA

FESTAS — Toda a gente tem perguntado aos nossos vendedores porque é que agora não se fazem Festas. O ano passado não se fizeram. Este ano ainda não se fala de nada. Pois, caros leitores, fiquem a saber que se não fazemos Festas é porque não temos Rapazes à altura. Todos os anos vão uma série de Rapazes para a vida militar; outros vão chegando e saindo — procurando outro rumo de vida. Eis a explicação.

Podeis crer, cada espectáculo que fazemos é uma alegria tal que sentimos que nunca podemos esquecer a maneira com que nos apoiam. Caros leitores, está dada a razão. Esperamos a vossa compreensão.

Contamos este ano confraternizar uma vez mais convosco. Estamos a tentar todos os possíveis, porque também estamos com saudades vossas. São dos momentos mais felizes da nossa vida em que encontramos amparo nesta grande Obra de Pai Américo — que também é vossa.

A NOSSA ALDEIA — Está dado mais um passo na construção da nossa Aldeia. Desta vez, são as casas de habitação. Duas casas grandes; uma onde habitam os mais velhos e outra para os mais pequenos. Ora, caros leitores, vou fazer-vos um pedido:

todos quantos possam, venham até nós fazer uma visita. Nós somos a «Porta Aberta». A qualquer hora do dia nós cá estamos. E peço que nos visitem para saberem bem o que é a Obra da Rua. Sei perfeitamente que muitos não a conhecem por dentro. Venham até nós viver conosco, por dentro e por fora. Ficamos tão felizes quando nos visitam, que não fazemos ideia. E bem se compreende: somos vossos e precisamos de vós. Tudo quanto somos o devemos a vós. E porque é que não vêm até nós ver o que ajudaram a construir? E o que ainda precisamos de levantar depende de vós... Não penseis que lá por termos erguido o que temos já chega. Não! Queremos construir mais. Se calculassem os pedidos que de toda a parte nos chegam para mais um Rapaz entrar, mais outro, mais outro! Enfim, é triste não podermos ter cá todos quantos precisamos da nossa Obra. Cada vez mais o homem torna-se inconsciente daquilo que faz! Tanta guerra, tanta fome, enfim, porque não a Paz que todos necessitamos? Por isso, caros leitores, ao lerem estas minhas linhas, reflitam e meditem. Não sejais egoístas para não criardes guerra e fome; mas, sim, generosos como devem ser os homens bons que quereis ser e então vereis a Paz. Lembrai-vos sempre dos outros que nada têm e a quem bem podeis dar a mão. Eu até vos digo que a nossa Obra, com as dificuldades que tem, ainda consegue ajudar outros irmãos que nos batem à porta e a quem procuramos remediar. Esta é uma prova de amor da Obra da Rua — que também é vossa.

Zeca

poesia é Graça divina. Em cada um dos seus trechos anda aconchegado um poema. De vida autêntica: do lixo das ruas, da bondade das criaturas, da tortura alheia que é feita sua, da felicidade própria por ser mãe dos outros. Canta a glória de servir e de amar. Dificilmente a sua voz há-de sofrer com a morte. Hoje, à distância de anos, até parece mais bela e mais profunda.

Certo!

Venham por aí fora mais leitores ansiosos pela satisfação de tantos outros. Sim, porque dos 30.000 assinantes do «Famoso» (não falando já da actual tiragem de 50.000) só pouco mais de 4.000 o são da Editorial...

Quem nos dera mais gente a beber desta Água Viva! Estamos às vossas ordens — porque não queremos estar parados! Mas servir, servir, servir. De mangas arregaçadas, que o calor aperta!

JULIO MENDES

## RETALHOS DA VIDA

# O «Zip-Zip»



Sou natural de Alvega, concelho de Abrantes.

Eis a minha história, retalhos da minha vida: quando, como, porquê e para quê entrei na Casa do Gaiato.

Entre na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, em 12 de Junho de 1969 — por morte de meu pai; e pela de minha mãe, um ano depois. Eu e mais dois irmãos ficámos na orfandade.

Ainda estive cerca de um ano em casa de uns tios. Mas saí de lá pelo seguinte motivo:

Quando faleceu, minha mãe, o meu irmão mais velho — de maior idade — ficou arrumado. Eu e minha irmã, porém, não tínhamos para onde ir. Então, uns tios ofereceram-me a sua casa. E minha irmã foi parar a doutros tios.

Encontrava-me já há algum tempo em casa deles, mas vi que estava ali a mais...! Começaram por dizer que não me mandavam aprender nenhum ofício, isto é, que não me procuravam emprego... Uma bela noite, porém, fui ao café da terra. Como o programa não me agradasse, regressi mais cedo. Entretanto, quando seguia para o quarto, notei que os tios discutiam sobre mim. Eu era o pomo da discórdia! Apoderou-se-me uma dor do peito. E decidi tentar abandonar o lar. Mas — vá lá! — a minha madrinha já andava a ver se me arranjava outro poiso. E conseguiu. Seria para a Casa Pia de Lisboa...

Neste lapso de tempo, como minha irmã seguiu para a residência dum casal sem filhos, eu recusei ir para Lisboa, para a Casa Pia. Minha madrinha não parou! E, por intermédio de pessoas amigas (uma, por acaso, encontra-se na Casa do Gaiato), conseguiu a minha entrada nesta Casa, como já disse a 12 de Junho de 1969. Onde me encontro muito satisfeito, graças a Deus.

Quando cheguei à nossa Aldeia de Paço de Sousa, achei logo tudo diferente — para melhor — da vida que levava. Oh que vida!... É claro, custou-me, durante algumas semanas, a penetrar, a compreender, a aclimatar-me ao seu ambiente de liberdade disciplinada...

Comecei por trabalhar no campo, onde servi quase um ano. Entretanto, no começo do ano lectivo, sr. padre Carlos deu a mim e a mais alguns a possibilidade de frequentar o Ciclo Preparatório TV. E fiz exame do 2.º ano, com médias regulares.

O trabalho do campo, porém, era muito rude para a minha precária saúde, naquela altura. Convidaram-me, então, a prestar serviço na Tipografia; quase um ano na encadernação e no escritório. Até que um belo dia, o chefe da nossa Tipografia — depois de verificar o meu jeito, a minha vocação — resolveu encaminhar-me para a secção de composição, onde me encontro feliz, muito feliz. Porque é o meu futuro, a minha arte, a ferramenta do meu ganha-pão amanhã — quando me lançar na vida.

E se a Comunidade precisar ainda mais de mim, o meu lema, o nosso lema é, ou deve ser, um por todos e todos por um.

Finalmente, encontro-me satisfeito, como já disse. Estou em minha Casa. Porta aberta para casos como o meu e outros semelhantes; ou ainda mais trágicos. Que os temos...

LUÍZ NUNES MARQUES («Zip-Zip»)



## Paço de Sousa

COLÓNIA DE FÉRIAS — Começaram as nossas férias no dia 1 do corrente. Temos um belo edifício situado em Azurara (Vila do Conde). Como é costume, o facto gera sempre grande alegria na Comunidade.

O primeiro turno inclui malta da casa 2 de baixo e alguns da casa 3 de cima. Seguiram, como chefes, «Tomate» e Aníbal, sobre os quais recaí uma grande responsabilidade — ainda que seja passada da melhor maneira: em férias...

LIVRO «VIAGENS» — Principiou a composição do livro «Viagens», esgotado há muitos anos. Brevemente começa a impressão. E depois deste, outros. Um por ano... Para que os nossos leitores possam conhecer, mais intimamente, a nossa vida, a nossa Obra — e o estilo peculiar de Pai Américo.

CASAMENTO — No passado dia 15 foi o casamento do Bernardino. Daremos na próxima edição uma desenvolvida reportagem do acontecimento.

Entretanto, desejamos ao novo casal as maiores felicidades. É mais um filho da Obra que se dispôs a servir, junto dos seus irmãos — em nossa Tipografia.

REGRESSO — Regressou mais um colega da guerra do Ultramar. É o Asdrúbal, que se encontrava na Guiné.

Brevemente chegarão outros, se

Da «Sopa dos Pobres», de Pombal, uma remessa de calçado. «Como os Pobres devem repartir entre si daquilo que lhes dão...». Nós, também assim fazemos, e o Senhor continua a ajudar-nos.

Mais 350\$, do padrinho do Eusébio. Cheque de mil, de Campo de Besteiros. 100\$ de Luísa. Duma subscrição efectuada na Escola Industrial de Gouveia, entre todo o seu pessoal docente, administrativo e auxiliar, 881\$50. Lisboa com 400\$. Anónimo de Espinho, 100\$. Cá vai a Avó de Santa Rita — Caldas da Rainha, com 500\$. Por mãos amigas da Pastelaria, 220\$. De Guimarães, 50\$. Senhora amiga, do Porto, com 14.000\$, produto da venda dum automóvel.

«Obra de Deus — para os Pobres», com 40\$, 40\$ e 40\$. Lisboa com 50\$. Do Porto, mensalidades de 50\$, de 3 meses. Maria Alzira com 100\$. Santarém com 100\$. De Lyon, França, 5 francos. Assinante 18013, com 500\$. Isabel com roupa. Vários fatos de Aveiro. Seis dúzias de peúgas, do Porto. Da «Mãe que crê em Deus», 150\$. Assinante 2984, de Rio Tinto, com 550\$. Da Guarda, 100\$. Da Rua Guerra Junqueiro, e por uma intenção particular, vale de 2 contos. Algés com 50\$. S. Paio de Oleiros com 100\$. Assinante de Rio Tinto, mensalmente com 100\$. E para a Póvoa de Varzim, acusamos pacote de roupas e temos recebido sempre o que nos mandam.

E os 25 litros de azeite, oferta anual dum assinante de Vargelas. De Sintra, assinante 20181, com 680\$, dum aumento de reforma. Para a compra duma colcha, que senhora de Lisboa nos havia oferecido, para venda, um cheque de 5 contos, de Gaia, duma outra Senhora. Dois irmãos, por alma de seus pais, 200\$. Pela passagem de ano escolar, 200\$, mais 20\$. Amiga do Henrique, com 203\$, 114\$ e 69\$. E 400\$ de Benfica. Roupa e rebuçados, de Vilar Formoso, mais roupa da Rodésia. Selos dos «Amigos de D. António Barroso».

«Dum Gaiato de sete anos, para a compra duma camisola dum Gaiato pobre», 60\$. Mais presenças costumadas, de Valadares, com 200\$ e 50\$. Mais calçado e vestuário, de Faro. Vila Real com 500\$. Oliveira de Azeméis com 20\$. Avó de Bombarral, com 300\$. Anónima C. S., com 200\$. De Pendray, Sousa & C.\* (Beira), L.da, da cidade da Beira, 2.200\$00, proveniente duma subscrição feita entre os empregados daquela firma. Da Rua Pedro Hispano, 1.420\$. Anónimo com 1.000\$. Eugénia Maria, com 100\$, em nome duma Mãe feliz.

Dos senhores dos lençóis, que são também os mesmos que nos ofereceram a fotocopiadora, mais lençóis e todo o restante equipamento para 25 contos. O Senhor vos encha de alegria com a graça de poderem dar.

Todos os anos e durante esta época, que o é dos «pas-

# Do que nós necessitamos

seios escolares», recebemos a visita de muitas escolas, quer primárias, quer secundárias. E todos os seus componentes, a partir, deixam suas «migalhas». Eis algumas que anotámos: Lemenhe com 100\$. Da Póvoa de Varzim, 291\$20. Do Externato Camilo Castelo Branco, 93\$50. De Viatodos, 132\$20. Alunos, Professores e Empregados do Externato Camões,

de Rio Tinto, 420\$. E mais 600\$, duma escola do Porto, entregue em mãos, por professor amigo e mais de graças obtidas por intercessão de Pai Américo: 250\$ do Porto. 20\$ de algures. 5.000\$ de anónimo. 100\$ do Porto. 500\$ de Gaia. E mil, dentro dum envelope sem marca. Mais 200\$ do Porto. E 100\$ de Coimbra. Cheque de 500\$. Assinante 30200, com

100\$. «Por alma do Manuel», 50\$. De Clara e José Flores, duas vezes 55\$. «Da Rosi, de Braga», 50\$.

E agora prestem atenção, por favor: «Outro lance que subimos, outra fatia para Vós, Obra e gente que tanto apreciamos». Foi com estes dizeres que nos chegaram 3 contos.

Lisboa com 800\$, «em sufrágio de almas muito queri-

das». De Gaia, 150\$ mensais. Do Grupo Juvenil de Adafé, 265\$. A presença muito querida da Avó de Moscavide, com 250\$ e 100\$. Os 100\$ mensais em selos, que nos vêm da Amadora. 20\$ de Espinho. 3 aneis de ouro, dum Colégio de Santarém. E a oferta simpática, dum restaurante de Santo Tirso que põe à nossa disposição, graciosamente, os seus serviços.

E finalizo. Novamente de Santarém, «o abono de família da nossa filha». Vieram 200\$, pois com a «multa» voluntariamente imposta, por atraso no seu envio, perfaz essa quantia. É dum «casal muito amigo», que não nos esquece nunca.

Um bem haja, cheio de amizade.

Manuel Pinto

## TRIBUNA de Coimbra

Alguém chamou ao telefone para pedir que na nossa oração puséssemos uma aflicção familiar. Gostamos sempre que nos peçam alguma coisa e em todas as nossas orações familiares recordamos ao Senhor aqueles que nos procuram. É a nossa paga. Nós acreditamos. Procuramos que o Altar seja o centro e que a oração seja também alimento de vida e laço de união.

Outro modo de nos encontrarmos com aqueles que nos procuram é recordarmos a agenda: — Todos os escondidos, os anónimos, as prestações mensais; cheque de mil de casal francês que é amigo há muito; cinquenta do Entroncamento; lembrança de Tábuia; vários cem de C. A.; dois mil, mais trezentos da Covilhã; mil entregues a vendedor em Coimbra, de casal com seus três filhos. Este casal fala-nos sempre da sua felicidade. Ama e reparte amor.

Trezentos de Leiria entregues ao vendedor; 218\$+550\$ numa reunião; cinquenta das Caldas e de Nazaré; o mesmo de Cernache; duzentos de casal visitante; cinquenta no aniversário de quem muito nos amava; duzentos à porta de Santa Cruz; 230\$ e a visita da Escola Preparatória de Aveiro; quinhentos levados por um casal ao nosso Lar; quatro vezes vinte, de visitantes; 150\$ da Figueira; vinte, mais cem para amêndoas; uma família de Pousaflores com retalhos; duzentos, mais cinquenta para amêndoas; cinquenta em Santa Cruz e o mesmo a vendedor; cem do primeiro ordenado de Professora de Brenha; 660\$ no Castelo; vieram outra vez as Amiguinhas Maria Helena e Maria Isabel; 250\$ em vale de Lisboa.

Todos os meses Vilar Formoso e Almalaguês; 250\$ da Auto-Industrial; mil de Senhora que vive muito para os outros; tudo o que vão depositar na Casa do Castelo e que nos é entregue sempre com ares

de festa; quinhentos, mais quarenta no nosso Lar; cem, mais cem de visitantes; cem de um grupo de crianças da Catequese; vinte de Arganil; cem ao vendedor da Figueira, para amêndoas; cem de visitantes; 150\$+20\$ numa reunião; as presenças de anónima de Miranda; 140\$ de «Uma Avó de Coimbra»; 1.500\$ em cheque da Iris; 100\$+100\$ levados ao Lar; 200\$ de Leiria de quem não pode ir à nossa Festa; um embrulho de tecidos da Fábrica de Vila Cova; quinhentos pelo nascimento do 1.º filho dum dos nossos; 266\$ de grupo de visitantes; 500\$+100\$ numa reunião; quinhentos no aniversário de senhora a quem muito devemos; quinhentos entregues no Banco da Agricultura e 250\$ no Banco N. Ultramarino; vinte numa loja.

Cinquenta numa reunião; cinquenta no seu aniversário; cheque de Amigo que achou que era a sua hora; mil em casa; quinhentos dum sacerdote que tem um bom quinhão na nossa vida; cinquenta para rebuçados; 170\$ de Taveiro, entregues ao nosso Francisco José, ali professor; a visita de um grande grupo do Liceu D. Duarte e roupas e beijinhos da Ana Maria; assinatura e 200\$ para o mais necessário; embrulhos ao vendedor de Tomar; remessas de pintalinhos de dois aviários; feijão, favas e laranjas que foram um mimo.

A boa Amiga da P. de Damão mandou um cheque de 500\$ para a nossa futura Telescola e quer ser «madrinha». Toda a carta é um hino de amor e entusiasmo ao esforço que cada um vai procurar fazer para sua própria formação. Esta senhora veio há muitos anos com o marido. Ficou presa a toda a Obra. A Obra de Pai Américo ficou-lhe no coração. É lição. Há dias um senhor doutor, num café de Coimbra, foi arrastado pela simpatia de dois dos nossos pequenitos que lhe foram ofe-

Cont. da PRIMEIRA página

obra semelhante, se nós já começámos e estamos colhendo os frutos; porquê? (O sublinhado é nosso).

Aquele povo não seria tão cruelmente consumido pelo vício e pela doença. O Armando não chorava mais. Haveria menos especulação com a senhora miséria.

Parecendo que não, o bairro da Corujeira culpa-nos. Se já fizemos um cesto e são necessários mais cestos, porque não havemos de ir ós cem — cem cestos? Na minha simples e modesta opinião de visitador

## BARREDO

de Pobres, eu digo e aconselho que na agenda pública seja este o primeiro ponto. Fiquem sabendo gregos e troianos que é impossível que Deus não ajude, a Seu tempo e a Seu modo, todos quantos ajudam o Pobre a libertar-se da miséria. Isto é uma verdade eterna. Tudo quanto se diz, passa; isto fica».

PAI AMÉRICO (in «O Gaiato»)

## Cantinho dos Rapazes

Cont. da PRIMEIRA página

mundo para o Pai. Mas a posse do alvo, só do lado de Lá se consumará.

Aqui, o homem que se procura, que se conhece, que se decide, sempre experimentará o sabor acre do não-encontro pleno daquilo que procurou, que achou, que escolheu. Isto em todas as linhas das fundamentais decisões do homem que se atingiu adulto, quer se trate de vocação ao trabalho, quer da vocação familiar.

Alguns de vós experimen-

tam a dor do desencontro, por falta de senso na procura, na preparação, na escolha. Felizes, se se guiarem pelo conhecimento de si-mesmos, pelo diligente achamento da sua vocação.

Outros sofrem o não-encontro pleno de que falei. Felizes, porque têm fome de perfeição, de absoluto! Sábios, se aprenderem, na Esperança, a servir-se das limitações próprias deste mundo para se aproximarem incessantemente, enquanto nele e alcançarem logo após, o Perfeito, o Absoluto.

## AQUI, LISBOA!

Cont. da PRIMEIRA página

colunas de «O Gaiato»? Por Deus, que é Pai de todos e pelos Homens, sobretudo pelos Pobres, que são nossos Irmãos. Por Justiça e por Amor. Todos os requintes da técnica e da ciência são património de toda

recer «O Gaiato». Muitas vezes aquele senhor tinha fechado o coração. Agora sentiu a sua hora. O Senhor entrou nele doutro modo. Nós acreditamos na presença do Senhor em todos os acontecimentos. Bendito Ele seja!

Padre Horácio

a Humanidade. Sonegá-los ou aceitar qualquer discriminação, seja à base do que fôr, é crime de lesa-majestade. Tudo o que seja promover o homem é dignificá-lo e facilitar a sua aproximação do Criador para o Qual deve tender, de corpo e alma. As alturas são inacessíveis sem um mínimo de condições humanas. Cabe aos detentores dos poderes temporais e espirituais darem as mãos para libertar os oprimidos e os escravos, dando-lhes a carta de alforria de Homens, queremos dizer, de seres susceptíveis das opções fundamentais que as suas potencialidades lhes oferecem, tornando-os livres. Ao fazê-lo, não cumprirão mais do que um dever.

Padre Luís

